

O Lago do Esquecimento

PAULA SAMPAIO



Eu não sei a Serie que
correu Por nunca tive
um Boletim Sei um pouco
ler Por força de vontade
Mais a Minha vida não foi
fácil não é fácil.

Por que sou um filho criado
sem pai e hoje sou pai de 11
filhos sem condições de vida
vivo aqui no Lago da Barragem
de Tucuruí eu e meus filhos.

A minha naturalidade é
Cametã mais não posso
viver lá motivo de condições
que não tenho. A minha
casa meu terreno foi tou-
do por agua abaixo
Perde tudo que tinha e vim
para aqui. Mais com tudo
isto vivo feliz.

Francisco Caldas
vila Cametã 10/04/004 Tucuruí
Pará

O Lago do Esquecimento

PAULA SAMPAIO



Belém - Pará
Edição da Autora
2013

┌ /500 ┐
└──────────┘

Ao amor,
que nos devolve à natureza.

PAULA SAMPAIO





RASTROS E PROMESSAS

“A imagem virá ao tempo da ressurreição.”

São Paulo

A natureza à imagem e semelhança do homem é algo terrível, devastador. À violência natural das florestas, das vegetações e rios, dos mares abissais, impomos intervenções e formas de controle ainda mais assombrosas, antinaturais. Para lidar com esse horror, existe, entre outras coisas, a arte. Talvez por isso, ao longo da experiência humana, das pinturas rupestres ao vídeo digital, há sempre alguma tentativa de mediação da realidade, quer seja como recriação, registro/documentação e memória ou simplesmente como algo menos duro de se ver sobre o efeito de nossos atos no mundo.

Assim nos deparamos com este Lago do Esquecimento. Em suas águas, na sua topografia náufraga, temos o reflexo de nossos vícios, delírios de progresso e desenvolvimento projetados numa paisagem desoladoramente humana, que prescinde do homem para comprovar sua existência ou desintegração. Sua beleza fúnebre não nos redime de nada, ao contrário espelha o que nos tornamos: ruínas da Criação.

Parece ter sido um longo percurso, do tamanho, com a complexidade, os dramas, os desenganos e as frustrações de uma Transamazônica. Sofrido caminho até que não restasse nada mais que rastros. Mas o homem, submerso pela sua própria destruição, ainda pode ver na superfície seu contorno, como num círculo infernal. E se temos e procuramos uma imagem disso tudo, é porque ainda acreditamos na promessa de São Paulo.

ADOLFO GOMES
Jornalista e crítico de cinema.

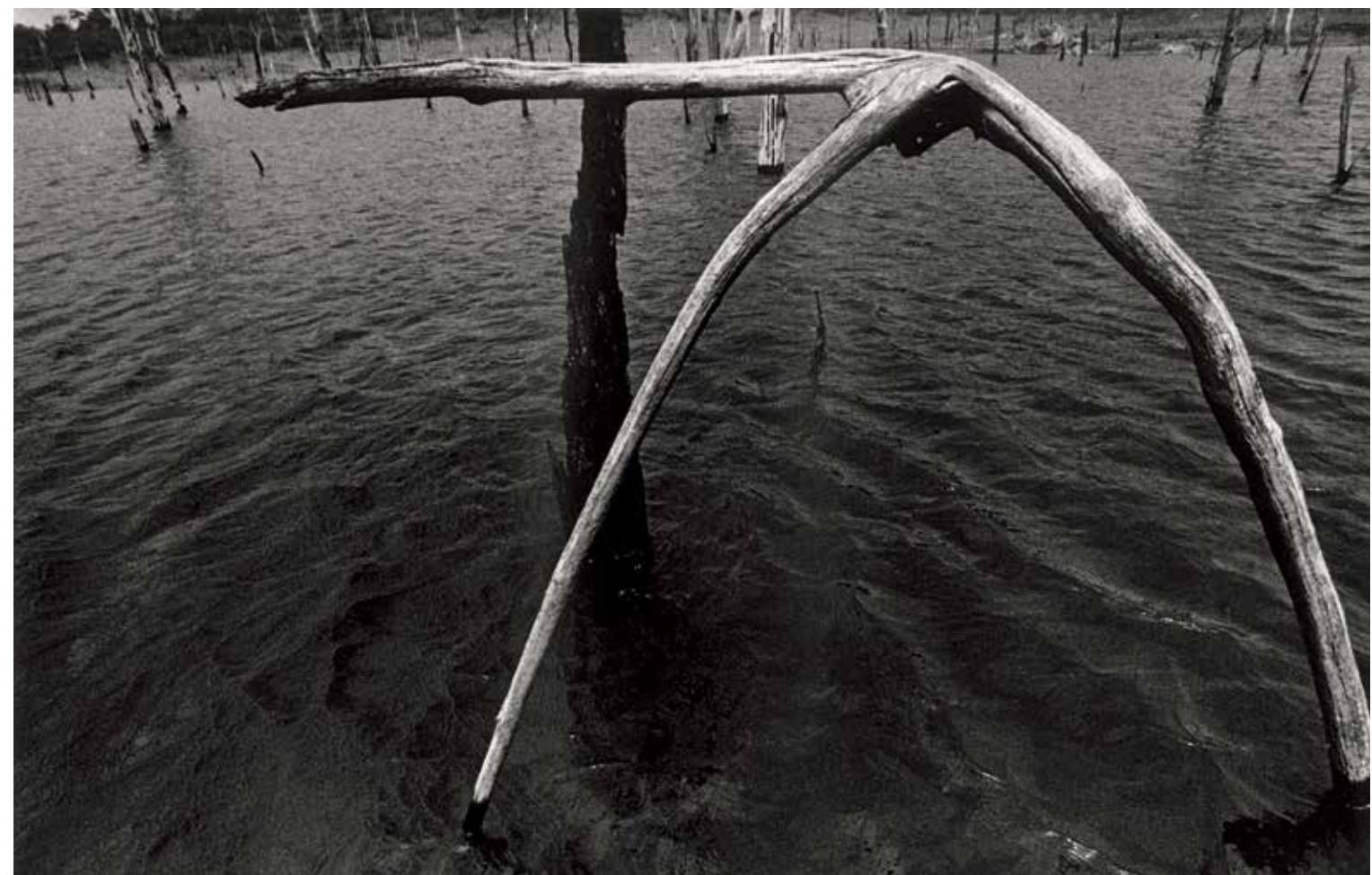




“ Aqui é o porto do Km 11. O movimento aqui é todo dia. Gente chegando, chegando... Agora, vamos pro Tocantins, porque aqui é Caraipé, um braço de rio, onde mora seu Chicória. Pra lá, pro Tocantins, vamos passar por um bocado de pauzaço.

E esse rio pra li é o rio Jordão. Isso aqui, antigamente, só era um igarapé mesmo; agora tá maior porque alagou. Essa parte aqui tem o rio Jordão, tem o Mururé. Entrando por ali tem o Caripé, Água Fria. Olha que a parte da barragem pra cima era muito bonita. Isso aqui era cheio de praia, ficou tudo embaixo d'água. Aí foi se acabando, e o lago de Tucuruí formou esse pauzaço.”

TOMÉ COELHO RAMOS MORAES,
*53, natural de Baião.
Morador de Tucuruí.*













“O salvamento dos bichos foi o seguinte: a água foi enchendo, né? Alagando todas as terras. Aí ficavam aquelas coroas de terra onde os bichos ficavam, e o que dava pra gente pegar, a gente pegava; o que não dava ia morrendo também. E aí a água foi tomando conta e, hoje em dia, resta o que você tá vendo. Pra quem conheceu o lago aqui, era uma mata. Aí, como a água invadiu... Tem local aí que a gente nem conhece mais...”

Olha, as cidades mesmo, você já não vê. Vê os restos das casas, os esteios, os tocos, como deixaram. Em Jacundá, ainda se vê, perfeito, a caixa d'água... Ela ficou.

Um monte de gente quebrou. Muitas fazendas, muitas terras, muitos não foi pago também, tudo isso aconteceu... E a fartura do peixe nosso, que foi muita, hoje em dia já não tem mais, foi diminuindo e fiquemo na situação que você tá vendo. O lago, você anda é só rio, é só pau. O estrago foi tão grande que agora a gente anda por aí e você vê: toda terra tá alagada, e assim ficou o lago pra nós, aqui.”

TOMÉ COELHO RAMOS MORAES,
53, paraense de Baião.
Morador de Tucuruí.







“E aí, que faz?”

Que, quando eles passaram fazendo o levantamento, tava só os meus oito filhos na casa e nós tava atrás da sogra, que tava quase pra morrer em Baião. Eu com a minha velha, e ela morreu mesmo. E eles passaram, fazendo levantamento com o povo e lá da donde eu estava não fizeram, porque eu não tava, tava só os menino. Tá bom. Depois falaram que iam voltar a fazer o levantamento de novo. E aí, que faz? Nós trabalhava em roça: era feijão, era milho, era arroz, tudo nós emitia. Montaram a Capemi lá. Aí, tinham pena de mim, das minhas verduras, e eu passava tudo pra lá. Aí vendiam, me davam meu tostãozinho pra me sustentar meus oito filho e a minha velha. E aí foi, foi, foi, intê quando ela bateu falença. Foi o tempo em que a água ia subindo, a água ia subindo, e eu esperando o pessoal pra me retirar de lá, me colocar em outra parte com meus filho. Nunca passaram mais lá, nunca passaram mais lá. Fui embora...

Eu já tô até esquecido, mas tava tomado nota. Roça de arroz, de milho, de cana, banana, tudo foi tirado por nota, tudo isso, minha barraca velha com telha, foi tudo embora pro fundo. Moacir Ferreira foi quem me trouxe de lá. Hoje ele é vivo, que ele até serve de testemunha. Ele era meu compadre, ele foi testemunha, mandou uma caçamba velha pegar lá em cima do Repartimento Novo e baixou na estrada. O pessoal falava: ‘É porque já tá no fundo, já tá no fundo’; ‘é pra meter o carro até não ir mais o carro. Até onde não ir o carro mais, pra trazer ele e a família que vai morrer tudo afugado, morrer tudo afugado’. Aí eles meteram o carro. Deixa que Deus abençoou, que eles chegou com água no meio do pneu. Foi só

eu ajuntá meus cacareco velho, o que nós tinha, foi embora tudo pro fundo. E de lá eu vim m’embora. Ele [o amigo Moacir Ferreira] falou: ‘Eu vou lhe dar uma barraca velha que eu tenho’. Aí eu fiquei parrando lá. Cinco ano! Eu sufrendo, com oito filho, eu sufrendo. Trabalhava com um, trabalhava com outro, até privada eu alimpava pra mim pegar o que comer pra dar pros meus filho. Depois, eu falei: é verdade, depois de nós ter... Não fosse nosso compadre trazer nós, nós tinha morrido afugado, nós tinha morrido afugado. E aí passei cinco ano lá no Tucuruí, a bom sofrer. Não tinha ninguém pra cá pra essa terra. Aí veio um filho, esse filho que passou agora aí, veio pescar e falou: ‘Papai, tem muita ilha desocupada, que dá da gente morar, papai’. Falei: ‘Meu filho, o que nós temo aqui é uma espingarda velha. Vamos tudo na beira do rio trucar nem que seja com um casco velho de tábua pra nós ir embora pra lá, meu

filho, que aqui nós vamos murrer de necessidade, que eu tô pra murrer de tanto trabalhar pros outro’. Tava morando no Tucuruí. Aí, nós peitava o dia inteiro nas fazendas atrás de açai. Chegava umas oito hora da noite aí no Tucuruí com nosso açazinho, que nós ia vender pra nós comprar nosso bagulhinho. Assim era a minha vida. Cinco ano nós levamo sofrendo e daí truquei a espingarda velha com um casco velho de tábua. Aí eu falei: ‘Rumbora pra lá’! Cheguei aqui, num tinha vivente, num tinha vivente. Aí nós trabalhava aqui. Nós ruçava de manhã, de tarde. Até que quando nós viemo pra cá que eu trouxe minha velha com meus oito filho, nós já tinha a mandiuquinha maduro... Fomo vivendo e até hoje nós tamo vivendo.”

BENÍCIO DA SILVA FONSECA,
70, paraense de Baião.
Morador da
Ilha da Esperança.



TANTAS ÁGUAS: CAMINHOS E DESCAMINHOS

O lago de Tucuruí foi criado artificialmente pelo represamento das águas de um trecho do rio Tocantins, o 25º mais extenso do planeta com seus 2.200 quilômetros, para abastecer a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, a segunda maior do país e a quinta maior do mundo, situada no município de Tucuruí, no sudeste do Pará, a 480 quilômetros de Belém. Apesar dessa localização, a instalação da usina teve (e ainda tem) influência sobre 13 municípios da Amazônia.

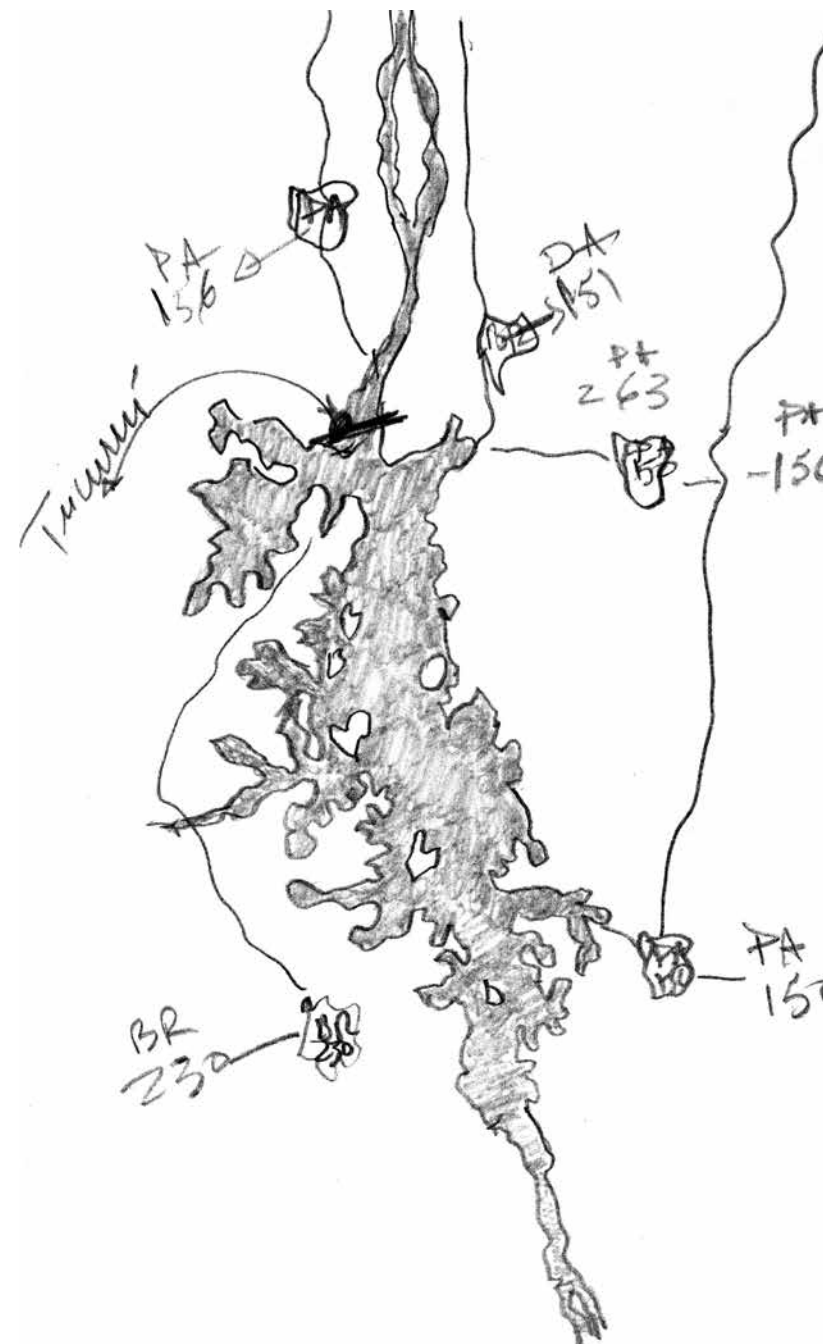
A construção da UHE Tucuruí, entre 1975 e 1984, integrou o projeto de criação de um polo industrial composto pelas empresas de capital japonês Albrás e Alunorte, no Pará, e Alumar, no Maranhão, destinadas ao beneficiamento da bauxita extraída do rio Trombetas, para obtenção da alumina, a matéria-prima do alumínio.

A indústria de alumínio integra o setor de eletrointensivos, cuja produção se caracteriza pelo consumo de grande quantidade de energia, de forma contínua e incessante, sendo que a alumina, de todos os bens desse setor, é o que mais demanda energia elétrica para ser obtido e transformado. Para garantir essa alta performance, a fonte hídrica ainda é a mais barata e menos poluente entre os recursos naturais energéticos, ainda que o levantamento de barragens para a construção de usinas traga danos sociais e ambientais irreversíveis, demandando estudos de impacto ambiental e social, e um programa de mitigação de danos como parte do projeto original. Com as conquistas obtidas nas últimas décadas na área da política ambiental, a consulta à população atingida passou a ser um pré-requisito para a aprovação de

projetos desse porte – item nem sempre obedecido pelos responsáveis, o que tem tornado esse modelo de empreendimento vulnerável a contendas, como houve com a instalação de Tucuruí, na década de 1980, e como está acontecendo com Belo Monte, no Xingu.

Partindo do pressuposto político de que energia é motor do desenvolvimento, o governo militar decidiu subsidiar aquele polo industrial, fornecendo-lhe energia barata. É importante lembrar que, no período, a região amazônica vivia um novo processo de colonização com a implantação dos chamados “grandes projetos” de desenvolvimento e ocupação do seu território. Nesse contexto, a exploração dos recursos hídricos para a produção de energia elétrica ia ao encontro da necessidade de abastecimento das cidades, incluindo a capital, Belém. Dessa forma, a Usina Hidrelétrica de Tucuruí atenderia aquelas empresas, uma parte do Pará e se integraria ao sistema nacional na proporção de dois terços voltados à indústria e o restante às outras demandas. Hoje, Tucuruí alcança a marca de 8,3 mil megawatts ou 8% de toda energia que circula no Brasil.

No entanto, a inauguração da usina em 22 de novembro de 1984 não significou o final da obra, pois faltavam ser construídas as duas eclusas previstas para restaurar a navegabilidade do rio no trecho represado. De acordo com o Artigo 143 do Código de Águas de 1934, o aproveitamento da energia hidráulica deve satisfazer estas exigências em nome dos *interesses gerais*: alimentação e necessidades das populações ribeirinhas; salubridade pública; navegação; irrigação; proteção contra as inundações;



Desenho de viagem, Lago de Tucuruí (PA), 2011

conservação e livre circulação do peixe; e escoamento e rejeição das águas. Sem as eclusas, durante quase 30 anos esses interesses públicos foram relegados ao segundo plano.

A primeira eclusa, a montante, na cabeceira da barragem, começou a ser construída à época da edificação da usina, mas essa obra foi paralisada em 1989. Desde então, houve uma sequência de retomadas e interrupções que venceram vários chefes de Estado e engoliram contínuas verbas federais. O sistema de elevação das águas do rio (ou seja, as duas eclusas em funcionamento) só foi inaugurado em novembro de 2010, mas até os dias de hoje, o fluxo de transportes ocorre com a capacidade reduzida, pois ainda são necessárias obras a montante e a jusante da barragem para possibilitar o traslado de carga, e assim abrir o caminho para a efetiva integração da Hidrovia Araguaia-Tocantins, do Centro-Oeste à Vila do Conde, no Pará, num total de 2.800 quilômetros de extensão. Entenda-se que esse sistema de transporte é restrito a cargas, sendo vedado a pequenas embarcações, como a dos ribeirinhos, por não se moldar a esse propósito. Assim, os moradores precisaram adaptar-se a rotas alternativas ao longo do tempo e assim continuarão.

UM LAGO NO TOCANTINS

O lago de Tucuruí possui hoje 3 mil quilômetros quadrados, duas vezes e meia a área inicial prevista, de 1.116 quilômetros quadrados.¹ Com o represamento, foram formadas 1.100 ilhas onde está a população remanescente da área: cerca de 6 mil habitantes ocupando os pontos mais altos dos terrenos,

vivendo de forma isolada e com certa dificuldade de deslocamento e, portanto, de comunicação. São pessoas que, além de terem sido desapropriadas de suas casas, perderam quase tudo depois da inundação. Há também os chamados “barrageiros”, como são denominados tanto os operários especializados na construção de barragens quanto as pessoas que eventualmente desenvolveram alguma atividade econômica em função da construção da barragem e que fixaram residência no local.

O represamento foi feito sem que fossem levados em conta os impactos socioambientais apontados nos estudos prévios de viabilidade econômica do empreendimento. Essas avaliações foram feitas apenas após as alterações ocorridas, embasando programas ambientais elaborados depois para amenizar os danos. Mas essas providências e as compensações financeiras vieram com o passar dos anos, quando a obra de engenharia já havia modificado bastante o ecossistema, observando-se, por exemplo, a redução da fauna de peixes, alteração da qualidade da água, aparecimento de praga de mosquitos, contaminação por metil-mercúrio, além do aparecimento de doenças. No que diz respeito às indenizações, houve necessidade de ação judicial para defini-las, devido às divergências quanto à dimensão das áreas atingidas.

De um modo geral, pode-se dizer que houve impactos socioambientais a montante e a jusante da usina. A população a jusante, na influência do rio Tocantins, foi a que mais sofreu com esse ônus, sobretudo no aspecto econômico, indicam estudos feitos na região.² Mas a população que permaneceu

dentro do lago também foi bastante atingida com as transformações havidas no ambiente e hoje tenta adaptar-se novamente à extração vegetal, à agricultura e à criação de animais para consumo e comercialização, em lugar da caça.

A população indígena, notadamente os Parakanã, foi remanejada para outra área, agora conhecida como “loteamento Parakanã”. Essa mudança colocou-os em conflitos com fazendeiros e outros assentados, provocou mudanças em aspectos culturais e deixou-os mais expostos a doenças, incluindo as psicossomáticas. Em 2011, os índios Assurini também ganharam na justiça o direito à indenização pela Eletronorte, em ação apresentada pelo Ministério Público Federal do Pará. Os argumentos principais expostos pelo MPF foram a invasão da Terra Indígena Trocará, impactos sobre a saúde e a cultura, e a redução da fauna de peixes com repercussão sobre os hábitos alimentares desse povo.

Para a formação do lago, foi necessário desmatar parte da floresta original. Outra parte foi afogada, e a madeira submersa – as espécies nobres – só começou a ser retirada em 1989, com aproveitamento diversificado, desde a fabricação de objetos decorativos e utilitários até instrumentos musicais. Ainda assim, a paisagem comum na área do lago são os troncos que emergem do fundo das águas tomando formas fantasmagóricas, como em um Letes, o rio do esquecimento, rumo ao

reino de Hades, o reino da morte.

Um estudo de salvamento de animais e da vegetação chegou a ser apresentado à época da construção da usina, mas o processo começou tardiamente, um ano antes do enchimento do lago. Disso resultou a morte de animais tanto na época do desmatamento quanto no momento da inundação.

Nas ilhas do lago, a população vive como que invisível. As comunidades, de forma paradoxal, ainda não possuem energia elétrica, mesmo que vivam na região onde 14 milhões de litros de água por segundo movem 23 turbinas para geração de energia. Vivem, nesse caso, como no mito de Tântalo, o semideus punido por Zeus a passar o resto da vida dentro de um vale, onde, apesar da abundância de água e de frutos, viveria com sede e fome.

É perceptível, no entanto, que, nos últimos anos, a população procurou formas de resistir na área, apostando na pequena agricultura, no extrativismo e na criação de animais. Por outro lado, o lago é também explorado como local turístico, onde se pratica a pesca artesanal, por exemplo.

Como se operam essas contradições? O que os habitantes ainda esperam desse lugar, onde a subida e a descida das águas revelam uma paisagem fossilizada de tudo o que restou da floresta?

É oportuno refletir sobre a usina de Tucuruí, às vésperas de seus 30 anos de existência, diante da

¹Dados apurados e atualizados com o jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto, especialista em Amazônia e autor do livro “Tucuruí: a barragem da ditadura” (Edição Jornal Pessoal, 2011), entre outras obras nas quais aborda os temas da utilização da energia hidráulica e a construção de hidrelétricas na região.

²Ver os dados compilados no artigo “Análise dos impactos sociais e à saúde de grandes empreendimentos hidrelétricos: lições para uma gestão energética sustentável”, de Adriana Queiroz e Marcelo Motta-Veiga.

realidade que se impõe hoje na região. Atualmente, várias usinas hidrelétricas estão em fase de construção ou de licitação na Amazônia, entre elas, Belo Monte, no rio Xingu; São Luiz e Jatobá, no rio Tapajós (Pará); Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira (Rondônia). Que histórias estão subjacentes a essas obras? A experiência de Tucuruí de algum modo orientou a concepção dessas novas engenharias? A pressão internacional por uma nova consciência em torno das políticas de desenvolvimento que levem em conta a sustentabilidade se faz sentir nas obras em andamento na Amazônia?

É uma história que continua.

ROSE SILVEIRA

Jornalista e historiadora

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 24.643, de 10 de julho de 1934. Estabelece o Código de Águas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d24643.htm Acesso em: 27 mar 2013.

ECLUSAS de Tucuruí ficam subutilizadas por falta de obras no rio Tocantins. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 fev. 2013. Disponível em: <http://tools.folha.com.br/print?url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Fmercado%2F1237995-eclusas-de-tucuru%C3%80-est%C3%A3o-subutilizadas-por-falta-de-obras-...> Acesso em 25 de mar 2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (PA). Justiça manda Eletronorte compensar índios Assurini por danos de Tucuruí. Disponível em: http://noticias.pgr.mpf.gov.br/noticias/noticias-do-site/copy_of_meio-ambiente-e-patrimonio-cultural/justica-manda-eletronorte-compensar-ndios-assurini-por-danos-de-tucuru%C3%80 Acesso em 29 mar 2013

PEREIRA, Renée. Após 30 anos, eclusas de Tucuruí viram realidade. **O Estado de São Paulo**, 28 nov. 2010. Disponível em: www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=impresso,apos-30-anos-eclusas-de-tucuru%C3%80-viram-realidade,646303,0.htm Acesso em: 25 mar 2013.

_____. Eclusas de Tucuruí só operam com o rio cheio. **O Estado de São Paulo**, 9 out. 2011. Disponível em: www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=impresso,apos-30-anos-eclusas-de-tucuru%C3%80-viram-realidade,646303,0.htm Acesso em: 25 mar 2013.

PINTO, Lúcio Flávio. **Hidrelétricas na Amazônia**: predestinação, fatalidade ou engodo. Belém: Edição Jornal Pessoal, 2002.

PINTO, Lúcio Flávio. **Tucuruí, a barragem da ditadura**. Belém: Edição Jornal Pessoal, 2011.

_____. **Amazônia em questão**: Belo Monte, Vale e outros temas. São Paulo: B4! Editores, 2012.

_____. Eclusas de Tucuruí: caminhos de saída. *Jornal Pessoal*, Belém, n. 485, 15 de março de 2011.

QUEIROZ, Adriana Renata Sathler de; MOTTA-VEIGA, Marcelo. Análise dos impactos sociais e à saúde de grandes empreendimentos hidrelétricos: lições para uma gestão energética sustentável. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, June 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000600002&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Mar. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000600002>.

SOARES, Antônio José. Canadenses querem ampliar extração de madeira submersa em Tucuruí. **UOL Notícias**, 24 fev. 2002. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ajb/2002/04/24/ult740u4248.jhtm> . Acesso em: 29 mar. 2013.

BLOGS E SITES CONSULTADOS

Blog Energia no Brasil: <http://www.energianobrasil.com.br/>

Portal da Eletrobras: <http://www.eletronorte.com/elb/data/Pages/LUMIS293E-16C4PTBRIE.htm>

Site da Eletronorte: <http://www.eln.gov.br/openscms/openscms/>

Site do Ministério dos Transportes: <http://www.transportes.gov.br/index>





“Meu marido é maranhense. Ele que descobriu o lago, e eu vim pra cá com ele. O lago é bom, tem muita caça, peixe. Eu prefiro ficar aqui do que na rua.

Tenho dez filhos, foram nascendo...

Eu ajudo meu marido [Carlos Maia] a pescar.

E, quando a água sobe, a gente só muda pra outro lugar. Assim, vamo indo, conforme a subida da água.”

MARIA DE FÁTIMA MENDES,
49, paraense de Cametá.
Moradora itinerante das ilhas.

“Meu pai sempre gostou de mato, de roça. Antes a gente morava em um lugar chamado Capinal, que foi alagado. Ele trabalhava na estrada de ferro... mas sempre gostou desses lugares, e um dia trouxe a gente pra cá...”

JOELMA QUEIROZ PERREIRA,
33, paraense de Tucuruí.
Moradora do Sítio Deus é Fiel,
na região de ilhas do rio Água Fria.

“Já tenho um bocado de tempo passado aqui dentro. Cheguei aqui quando o pessoal tava quebrando as pedras dessa barragem. Aqui falta saúde, energia, tudo.

Eu sou mineiro. Viemos porque meu pai achou uma carona de caminhão de Minas pra Vila Rondon. Viemos pela Belém-Brasília (três dias e três noites), de pau-de-arara de lá pra cá. Lá em Minas, a gente vivia agregado. Aí, um compadre dele (do meu pai) deu as passagens pra ele vir tentar a vida aqui. Foi pela década de 1970. A gente veio porque um parente do meu pai disse pra ele que aqui era bom. Aí, ele se apegou com Santo Antônio, não demorou muito e esse compadre nos ajudou. Viemos. Descemos no meio da BR [Belém-Brasília], em Rondon do Pará.

Depois, a vida foi virando e procurando melhora. Aí, um dia chegaram falando de um tal de Belém do Pará, parecia o fim do mundo. Mas todo mundo dizia que era farto. Começamo a andar até chegar em Jacundá. Isso foi antes do alagamento pela barragem. Inclusive eu tirava castanha nessa mata. E na minha mente ficou, depois da água chegando, o cemitério e a caixa d'água que foi pro fundo.”

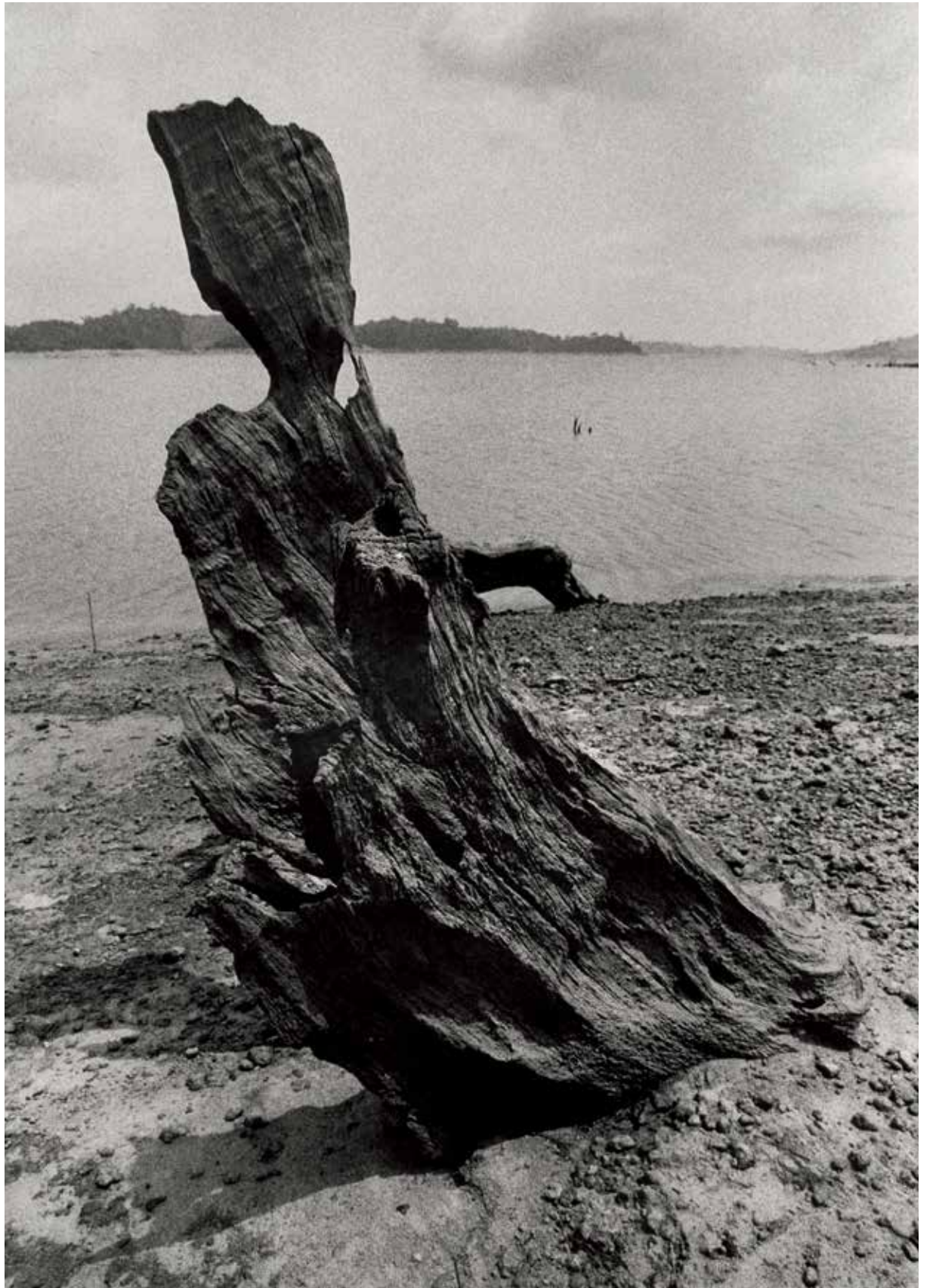
JOSÉ ALVES MEDINA,
60, natural da região do rio Pavão (MG). Morador de Tucuruí.

“A natureza não quer ficar sem o que Deus deixou. Deixou, não, Ele não deixou, porque Ele não está longe daqui, não, senhora. Porque Ele entregou pro homem. Ele entregou pra tomar conta, mas não pra acabar, porque, se acabar com tudo, então você não está fazendo o que Deus lhe entregou; você está fazendo o que lhe deu na cabeça, o que deu na ganância, na ambição. Quando tem precisão, tudo bem, mas, pelo visto, não é de precisão. Eu acho isso tão ruim. Eu não consigo matar nem pássaro, nem guariba, nem macaco, nenhum bicho, não gosto, não. Nem anta! Olha, a anta come todas as nossas abóbora na roça. Só os rastros e os pedaços que fica lá, mas não é coisa de tá matando. Capivara tinha em quantidade quando nós chegamos.

Plantava milho, metade era deles. Agora, você pode plantar e largar lá, que não tem mais. Tá acabando, porque, quanto mais o povo aumenta, mais invadem a floresta, invadem tudo e vão acabando com tudo. Daqui a um tempo, as crianças que nascem não sabem o que é um macaco, não sabem o que é uma madeira, não sabem o que é mais nada. E eles não pensam nisso. Eu penso tudo isso. Aí, o que eu faço? Quando eu me acordo de noite, eu fico pensando... Eu sei uma coisa e eu fico pensando como é. Essa é minha Bíblia: pensar de noite, assim, penso as coisas, fico, aí... Olha, quando foi para fazerem essa eclusa aí, eu falei pra muita gente: ‘O que vai dar isso? Que produção vai dar isso?’ Eu digo: olhe, a produção que vai dar é somente o emprego,

mas dispois de ela pronta. Tempo de verão, digo, só se Deus fazer um milagre, porque daqui, da barragem pra cima até no Cocar, é só quase pedral.”

JOANA DA SILVA PORTILHO,
82, paraense de Cametá.
Moradora da ilha Vai Quem Quer.



“Eu descobri isso aqui, porque nós somos, temos a profissão de pescador e aonde vai haver uma barragem, um açude, pescador vai. Eu vim da viagem de pescaria de muito longe. Eu comecei a pescar em 1960, eu tinha dez anos de idade. Fui matriculado lá em Boqueirão de Piranhas e aí eu peguei os documentos e comecei a viajar onde tinha barragem. Eu comecei a ir pra Orós, no Ceará – isso foi em 69. Aí, em 70, eu viajei para o Rio Grande do Norte, chamado o lugar Pau dos Ferros, que é perto de Mossoró. Depois, eu viajei pra Sobradinho, na Bahia. Tudo pescaria. Aí, de lá, quando eu voltei, o peixe fracou, voltei pra Boqueirão de Piranhas de novo. Aqui tem um rapaz chamado Zé da Bota, casado com a irmã dela, da minha sogra. Aí o meu sogro falou: ‘Olha, você tem esses seus filhos aí, tudo pequeno, essas crianças tão sofrendo muito nesse Nordeste muito seco, então lá tem muita terra, no Pará; tem peixe pra você pegar. Você vai lá que lá dá procê viver com sua família’. E eu: ‘Sabe que é?’ Aí, eu apurei, quando foi

naquele tempo, no dia 24 de janeiro de 1987. Eu peguei vim pra cá com a família. Cheguei com a família e bastei em Tucuruí. Quando cheguei aqui, minha irmã, só carapanã, sabe? Mas muita malária e tudo, e haja sofrimento. Aqueles cabos-verdes atacavam demais, sabe? Aí, nós sofremos muito. Passei sete meses. Aí, levei a família de volta pra casa e voltei pra cá de novo. Não tinha mais jeito de eu ficar lá, com muita mudança para gente viver, tranquilo, a fartura de peixe, eu plantava... O que planta dá nessa terra, né? [...]Eu sou analfabeto, mas eu conheço da lei, porque eu aprendo com a natureza, viu? Não é através do estudo que eu tô fazendo. É um estudo da natureza. Eu sei como o peixe produz, eu sei como é que ele convive, eu sei como é que se pode pegar ele, qualquer espécie de peixe. E de tudo eu já pesquei. Como o Tucunaré. Ele não tem época certa de produzir, porque ele produz de mês em mês, um produz esse mês, outro [produz] outro mês, mas todo tempo tem produção dele. Agora, o que é que

acontece? Ele chega perto duma pausada, duma caída, aí ele faz um ninho; aí o mergulhador vai, desce, atira nele, mata, a produção tá perdida. Ficam os filhotinhos, que nem esta semana mesmo, eu peguei peixe aí que tinha 11 filhotinhos dentro, porque os outros tinham comido, porque não tinha o pai mais. Não é uma judiação? ”

ANTÔNIO FÉLIX DA SILVA,
62, natural de São José das Piranhas (PB), Morador da ilha Monte Horebe.

“Nosso lugar praticamente era rico. Igual como era de antes aqui, era rico, mas o tempo que surgiu essa barragem, nosso lugar ficou numa crise. As famílias grande teve que se jogar pra outro canto, porque não têm as condições de viver lá mesmo. Até o rio, que era fundo, secou. Tá seco. O lugar era lá no sítio, era o rio Gama confronte Carapajó. Morava no sítio. Nunca gostei de morar em cidade, porque, sabe, cidade é meio perigoso, né? ”

DOMINGOS RODRIGUES DOS SANTOS,
paraense de Cametá. Morador da Ilha Rio Jordão.

“Minha vida é trabalho pros meus filhos não morrerem, né? Trabalho em roça, crio também uns patos, umas galinhas, pra se manter, né? Compramos a ilha de um antecessor. Vizinha, eu conto pro meu marido, quando eu vim pra cá, aqui era um terradal. Nesse entremeio aqui, quando eu ganhei o menino, subiu um homem de bermuda nessa pedra aqui – até agora, quando eu conto pro meu marido, meu marido não acredita. Subiu e falou assim: ‘Ô mulher, que tu tá fazendo aqui?’ [...] Sempre em tempo de lua cheia, sai esse homem daqui. Pois bem, teimei que eu estou aqui e não largo a minha ilha. Eu vi essa pessoa aqui. Tempo passou, meu marido acreditou. Passou tempo, tempo, nós fomos tirar madeira pra fazer essa casa aqui. Meu marido desceu com a toalha, tava luar, desceu pra ir pro porto. Esse homem tava ulhando pra ele... ”

TEREZINHA TELES BRAGA,
53, paraense de Cametá. Moradora da ilha Rio Jordão.



“Minha família foi vindo pra cá, puxando os filhos, todo mundo. Tem mais de 30 anos que meu pai veio puxando os filhos pra Tucuruí. Eu sei que ele tinha terra lá no Goiás, vendeu e veio arriscar a vida pra cá. Eu tinha 12 anos. Viemos pela estrada, essa que passava em Repartimento [Transamazônica]. Naquele tempo, eles estavam construindo a barragem de Tucuruí. Tava cheio de máquina aqui. Aí, fomos ficando, acabei casando com 16 anos. No mais, meu marido, que é de Baião, comprou uma ilha lá em Cajazeiras, onde moro até hoje. E eu gosto da ilha porque gosto de criação. Eu crio tudo: galinha, pato, porco. E a gente vive disso. Tem roça de farinha, de feijão. Tudo vendido aqui em Tucuruí. Pra gente que mora na colônia, no seco, a água é ruim, não tem energia. No verão, tudo fica difícil. Tem que caminhar muito pra conseguir uma água. Eu penso que, no futuro, podia ter energia, colégio... Penso nisso por causa dos meus netos. Penso nisso, porque eu só estudei até a primeira série, foi só pra aprender a assinar o nome. Naquele

tempo, pai não botava a gente na escola, era só roça. Mas meus filhos tão todos estudando, fazendo até faculdade. Eu quero que eles tenham o que eu não tive. É isso, mas gosto da minha ilha, que tem aquela natureza.”

MARINETE RIBEIRO PINHO,
52, natural de Araguaatins (GO).
Moradora da ilha da Páscoa.

“É, falando do lugar, é bom, sim. Falta muitas coisas, mas já depende dos governantes, porque aqui nós não temos segurança, nós não temos nada. Cada casa é o poder de Deus. Não existe um lugar melhor aqui na região, de beleza inclusive. Não tem assistência médica, não tem, como eu falei, segurança, nem sequer a segurança pro defeso, que é proibido, não tem pra ninguém aqui. Aqui faz quem quer [...]. O que tem mais aqui é bandidagem. Tão assaltando pessoa de bem que mora aqui dentro.”

EDMILSON PEREIRA DE SOUZA,
51 anos, natural de Presidente Dutra (MA). Morador da região de ilhas conhecida como Goela da Morte.

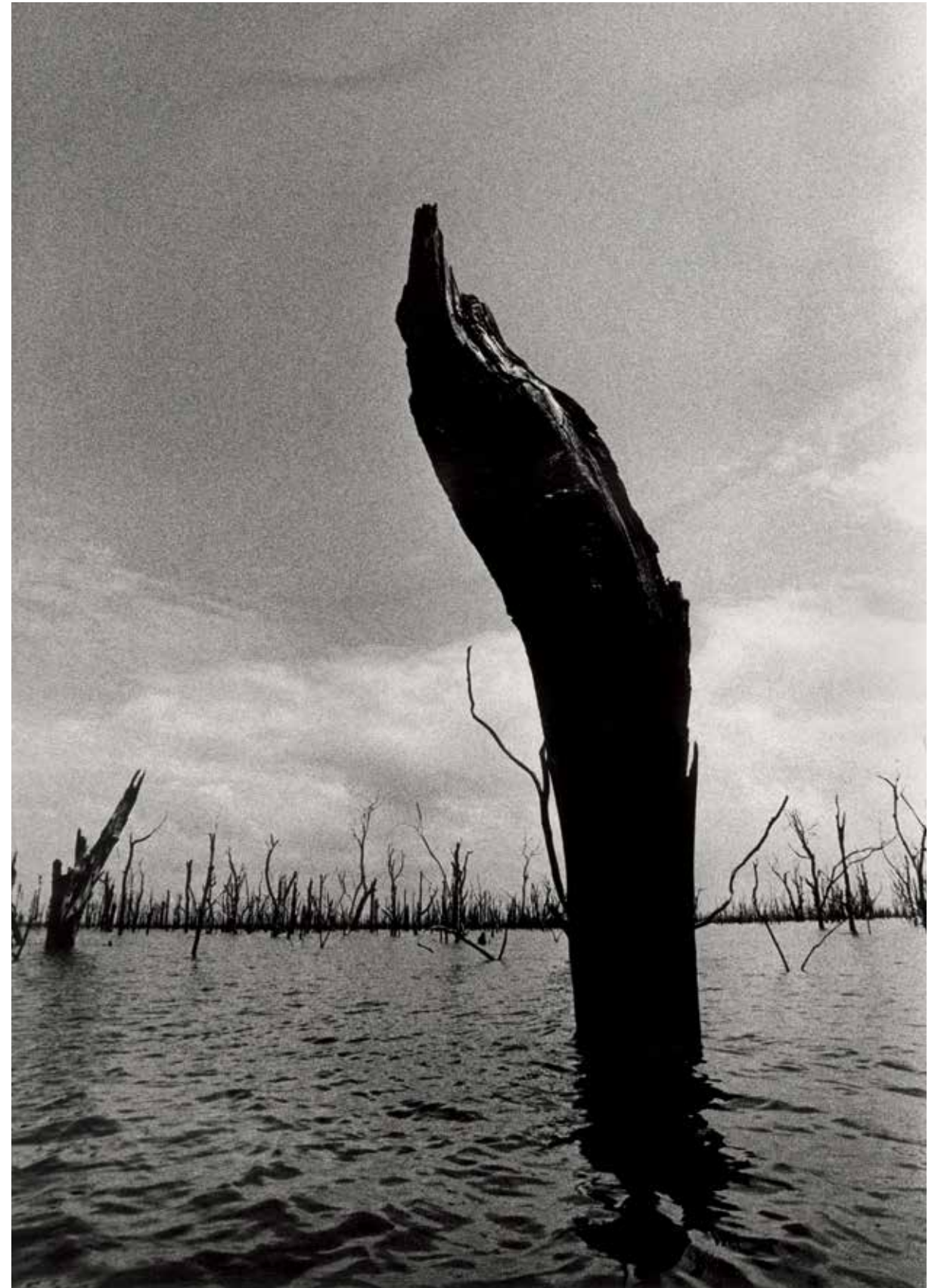
“O fogo, quando vem, vem com tudo, queima tudo. Fica demais feio. Olha, ali do outro lado, o fogo alastrou da beira e ficou quase um mês ardendo. Invadiu a mata e era fogo estalando, matando tudo. Isso é coisa que dá no verão. É de meter medo. Quando vem, é como um temporal no meio do rio. Não tem controle, vem levando tudo, é igual a grito, ele sobe no vento...”

VALDINEI DA ROCHA FERREIRA,
33, paraense de Cametá.
Morador de Tucuruí.

“Olha, nós de Baião pra cima moramos em muito beiradão, porque o meu pai era pescador. Sempre vivemos assim, me acostumei. Sempre tive gosto dessa vida de pescar, comer carne de caça. Eu vim com 17 anos pra Tucuruí e casei com o Manduca. Ficamos vivendo em Tucuruí. Mas meu sogro tinha um sítio em uma das ilhas aqui do lago e eu gostava de ir pra lá. Mas fiquei me dedicando à família e parei de refletir sobre o que sempre gostei, desde o começo... Os filhos cresceram, foram cuidar da vida deles. E foi aí que comecei a refletir em voltar pras minhas origens, à beira do rio. Um dia, tive a ideia de ter uma ilha, junto com a minha filha Edilene. E depois de muito procurar, achei essa ilha aqui e gostei. Comprei e comecei a arrumar, visitar. Começou vim gente pra cá. Assim, fui sossegando por aqui. Aqui a gente

compartilha, o lugar é bom, quando a gente tem paz. Aqui eu penso em quem vive ao redor do lago e não tem condições de viver. Não tem luz, a escola é difícil, as condições são fora do padrão. Quem depende do governo aqui no lago vive abandonado. Aqui tem tempo que não se acha nem um dentista pra arrancar um dente. Dizem que tem um agente de saúde aqui, mas eu nunca vi. Aí, a gente, pequeno, não tem o que fazer. Eu, por exemplo, vim pra cá só pra morar mesmo, mas tem gente que tira daqui o sustento e isso já deu foi muita morte aqui por causa da ambição. No final, tudo o que se tira daqui um dia vai fazer falta.”

EUSÉLIA SANTOS PORTILHO,
a Rosa do Manduca,
59, paraense de Baião.
Moradora da ilha Santa Rosa



“Nunca trabalhei assim, empregado, sempre me acostumei a ficar pescando... Tempo desse, inventei de ir pra Porto Velho do Jirau. Trabalhei sete meses lá. Inclusive quando pegou fogo lá, nós tava lá. Aí, a gente veio embora de vez. Tava muito ruim lá. Trabalhava de armador. Foi o período que fechou a pesca aqui. Aí, voltei pra cá, mas, olha, pra falar a verdade, se eu tivesse dinheiro, eu não saía de um lugar desse aqui, não, porque a vida aqui é incrível. Eu me acostumo mais aqui no silêncio. Esse ventão aí, né? Depois que o cara almoça, amarra a rede, dá um sono legal aí, tranquilo mesmo. Mas também tem outra dificuldade, as condições, da renda, né? Pra se alimentar, ainda passa bem. Agora, pra ganhar um dinheiro, pra gente comprar outras coisas que a gente precisa, é difícil, não tem. A saúde aqui é zero. Não tem, não. Não vem nem, ninguém mesmo[...]. Não vem nem político aqui, moça. Difícil. Tem uma escola caindo aos pedaços aí. Ela ainda não caiu mesmo porque tem uma estrutura boa.”

CARLOS GONÇALVES MENDES,
42, paraense de Baião. Morador da Ilha das Flores.

“Nós viemos em 88 pra cá, pra dentro do lago, e até hoje a gente vive dentro desse lago, né? Mas, assim dizendo, dentro desses 22 anos aqui dentro do lago, nós já sofremos muito, caso de malária e os outros descasos, porque... É que as autoridades não olham a gente de outra forma, né? De uma forma que venha a dar um meio de sobrevivência melhor pra gente, porque o pescador, com toda certeza, é um povo muito sofredor aqui dentro desse lago, sabe? Sobrevive da pesca, pega chuva, sol, tudo, sabe? É uma vida difícil, mas não tem jeito, né? Agora, graças a Deus que, sobre a doença malária, que mais aflige aqui o lago, ela já tá quase, vamos dizer assim, 60% ou 70%, por aí, melhorando já, né? [...] Sonho pro futuro? Olhe, na verdade, eu já

lhe falei que é o estudo, a educação pros meus filhos, porque hoje a pessoa sem educação, ela não chega a lugar nenhum, não. É verdade. Porque, se eu tivesse, na época, se meu pai tivesse condições, de colocar numa escola pra estudar, porque pra cá, quando viemos, só tinha guariba pra gritar aqui dentro do lago e nada mais. E peixe pra gente pegar e sobreviver. Então, se ele tivesse, na época, condições de nos colocar num colégio, eu tinha certeza que eu não tava agora cavando igual tatu.”

JURANDIR ALVES DE SOUZA,
38, natural de Tomé-Açu, casado com Dona Andreлина Paes Souza, 33. Moradores da ilha Rio Jordão

“De 2004 pra cá, mudou muita coisa. Pelo mínimo, a população aumentou, o peixe acabou praticamente. Foi criada uma reserva, essa reserva a população queria que fosse federal. Mas o prefeito não aceitou e ficou sendo estadual. Por uma parte, melhorou o problema da malária. Foram criados agentes de saúde e a Sucam entrou cá, fazendo fumacê, conscientizando o pessoal. Tão levantando também dois colégios. Olha, pra ter a oitava série aqui, eu e a população enfrentamos o prefeito. Pra mim, isso foi uma vitória. Aqui tem também uns projetos do governo. Um deles era de dar frango para a população criar e vender, mas não tinha como ir pra frente. O pessoal vendia lá no 11, mas lá era praticamente dado. E aí? É igual a essa reserva, que foi criada e abandonada. Olha, eu não tenho nada mais pra dizer, porque, olhando pras coisas, pra como a gente é tratado aqui, eu não vejo melhora. Pra que isso aqui mude o sentido, pra melhor, que eu espero, o que eu poso pensar? O que cresceu muito foi a ganância. E em quem é que nos vamos confiar?”

FRANCISCO CALDAS,
Seu Chicória. Morador da Ilha Vila Cametá.

“Tem muita gente que foi embora aqui desse lago. Ainda mais quando ele seca, a dificuldade fica muito grande. Tem partes aí que você tem que andar quilômetros pra chegar na água. Fica igual a um estádio de futebol. Você tem que andar, andar, andar... Uma dificuldade! Aqui só é bom quando a água tá grande, que fica bem pertinho da casa. Mas quando ela seca, você só tem vontade de ir embora...”

LUCIVÂNIA DOS REIS LIMA,
28, paraense de Tucuruí. Moradora da ilha Fé em Deus.







“Nada
é o que deixa de ser.
Nunca
o que jamais houve.
Onde houve o homem,
há o nada.”
Silviano Santiago

MEMÓRIAS E ANTECIPAÇÕES NO LAGO DO ESQUECIMENTO DE PAULA SAMPAIO

Entre os muitos equívocos que envolveram a construção da Usina de Tucuruí, tais como a destruição das aldeias dos índios Parakanã, Assurini e Gavião da Montanha, assim como de diversas localidades, como as cidades de Jaboatal e [da primeira] Jacundá, houve gigantesco desperdício de madeira. O projeto de implantação da hidrelétrica previa o desmatamento de 2.850 quilômetros quadrados, contudo, desmatou-se apenas uma área de 140 quilômetros quadrados, correspondente a 5% da previsão inicial! Assim, 2,5 milhões de metros cúbicos de madeira potencialmente comercializável foram submersos, num monumental desperdício de recursos que, à época de construção da usina, porventura teriam sido suficientes para erradicar a pobreza do Pará...

Esse mesmo padrão de desperdício ocorreu simultaneamente no garimpo de Serra Pelada, de onde se extraiu, oficialmente, 30 toneladas de ouro (embora o total real seja estimado em três vezes mais), quantidade capaz de erradicar a pobreza do Brasil inteiro na década de 1980. Mas todo esse ouro não beneficiou nem mesmo o Pará, de tal forma que o verdadeiro legado de Serra Pelada foi a documentação fotográfica de talentosos fotógrafos como Juca Martins e Sebastião Salgado, imagens que causaram consternação, revolta e tristeza no mundo inteiro na qualidade de o mais chocante exemplo de exploração do homem pelo homem nos tempos modernos, desde o uso do trabalho escravo pelos nazistas durante a Segunda Grande Guerra.

Agora é Paula Sampaio quem nos brinda com um ensaio fotográfico igualmente brilhante do

ponto de vista plástico, porém mais criterioso e bem fundamentado, a respeito dos moradores das mil ilhas surgidas quando se criou o lago de Tucuruí, os olvidados habitantes dessa imensidão de 270 quilômetros quadrados batizada pela fotógrafa de Lago do Esquecimento. Um trabalho exemplar, que combina as características épicas inerentes ao melhor da fotografia documental com o envolvente mistério subjacente à boa fotografia de expressão pessoal.

Existem livros de fotografia que se folheia com algum prazer, mas cujo encanto se desvanece tão logo virada a última página, quando as capas fechadas tornam a encapsular as imagens. Mas existem também os livros de fotografia que transformam aqueles que os veem e, mais ainda, aqueles que os leem, por disporem do conhecimento requerido para interpretar corretamente a “escrita da luz”. São livros que contêm imagens que ficam gravadas de forma indelével em nossas mentes e que nos fazem pensar, nos impelindo a interferir de forma criativa na existência. São livros que nunca se fecham, permanecendo sempre abertos num canto secreto da memória e aos quais voltamos de tempos em tempos, com prazer sempre renovado. São livros como *O Lago do Esquecimento*, de Paula Sampaio.

Foi a própria fotógrafa quem assim definiu os objetivos de seu trabalho, na proposta que submeteu à Funarte para a obtenção do necessário financiamento: “Neste ensaio, a natureza transformada em nome do desenvolvimento é uma metáfora da memória e do esquecimento provocados por tudo o que foi irremediavelmente perdido para sua formação: áreas



indígenas, cidades e inúmeras espécies animais e vegetais”. Indicando sua filiação à linha de pensamento daqueles a quem Cornell Capa – o visionário idealizador do International Center of Photography – qualificou de *concerned photographers*, denominação bem mais apropriada que a comumente usada entre nós, de fotógrafos engajados. Mais adiante, no mesmo enunciado de sua proposta, Paula afirma que decidiu “Realizar documentação fotográfica com captura em negativo preto e branco. [porque] A opção pelo preto e branco mantém a coerência com a linguagem de outros projetos desenvolvidos anteriormente”. Sábia decisão, já que assegurou a integração de *O Lago do Esquecimento* ao conjunto da obra da fotógrafa. Sim, obra, pois diferentemente de muitos fotógrafos que atuam de modo errático e casual, respondendo a estímulos externos sem um direcionamento interno claro e evidente, Paula Sampaio construiu, ao longo das últimas duas décadas, o corpus de uma verdadeira obra, dotada de inquestionável coerência e concentrada nos problemas específicos da região amazônica, sempre com ênfase nos dramas humanos. Focalizando, sobretudo, as desventuras daqueles que, iludidos pelos fabulosos projetos do período militar, abandonaram suas regiões de origem para tentar a sorte à margem da Transamazônica, ou de outros empreendimentos tão ambiciosos quanto inconsequentes. Enorme contingente de desafortunados iludidos por promessas quiméricas, entre os quais figura o próprio pai da fotógrafa.

De modo que Paula Sampaio fala daquilo que bem conhece, o que confere uma densidade ao seu trabalho inigualável pelos fotógrafos alheios à verdadeira realidade amazônica e, mais especificamente, paraense, pois, como bem adverte o provérbio bambara, do Mali: “O estrangeiro vê apenas aquilo que conhece”.

As 6 mil pessoas isoladas no milhar de ilhas do lago de Tucuruí não são estranhas a Paula Sampaio: são integrantes de uma mesma família de sonhadores que, impelidos pela carência, viajaram centenas ou até mesmo milhares de quilômetros em busca do que lhes parecia ser o portal do paraíso tropical e acabaram capturados pelo “inferno verde”, onde a vida não é fácil nem mesmo para os autóctones. São, em suma, membros da própria família de Paula, nascida em Belo Horizonte, de pai baiano e mãe mineira, e radicada em Belém desde 1982, tendo, portanto, vivido na região amazônica a maior parte de sua vida. Vida intemorata e produtiva, da qual disse o crítico e estudioso da fotografia Alexandre Belém: “É uma vida de dedicação que enaltece a nossa fotografia”. Nada mais justo e verdadeiro, conforme evidenciado no ensaio “Na estrada da vida: a transamazônica de Paula Sampaio”, de Ernani Chaves,¹ ao qual remeto aqueles desejosos de melhor conhecer o formidável esforço criativo empreendido por Paula Sampaio antes da realização de *O Lago do Esquecimento*, fazendo minhas suas palavras quando ele afirma: “O trabalho de Paula Sampaio dá continuidade a uma das tradições

mais honrosas da fotografia: a da documentação, associando fotografia e memória”. Faço, no entanto, a ressalva de que sua visão transcende a vertente tradicional, incorporando um enfoque moderno e arrojado que, em determinados momentos, se desliga completamente do registro factual para enveredar por arrojados exercícios de visão.

O precedente périplo estradeiro de Paula Sampaio nos levava a associá-la a Dorothea Lange, a única mulher a se destacar no grupo da Farm Security Administration, que percorreu a América dos tempos da Grande Depressão para denunciar as condições de abandono em que viviam os pobres lavradores migrantes que passeavam improficuamente seu desespero pelas desérticas estradas do Meio Oeste. Já o atual Lago do Esquecimento nos leva a vinculá-la ao Eugene Smith da fase de Minamata (1971), quando ele se entregou de corpo e alma ao registro das vítimas do envenenamento por mercúrio dessa aldeia japonesa de pescadores poluída pela Chisso Chemical Company. Ocasão em que realizou uma imagem de Tomoko Uemura sendo banhada por sua mãe, que entrou para a história como uma espécie de Pietá fotográfica. Um libelo visual contra o egoísmo, a cupidez e a prepotência dos poderosos que não hesitam um instante sequer em sacrificar vidas humanas e até o próprio planeta em nome de um suposto ideal de progresso gerador de poluição, devastação, degradação, exploração, depressão e desespero.

Em *O Lago do Esquecimento*, Paula Sampaio produziu imagens igualmente emblemáticas e perenes que nos intimam à reflexão inadiável acerca

da impossibilidade da existência de um suposto progresso que contempla apenas a produção de bens de consumo e a acumulação de capital, ao mesmo tempo em que corrói um planeta como um câncer de avanço devastador, mas, esperamos todos, ainda reversível. Grito de alerta de absoluta urgência no momento em que se cogita a construção de diversas usinas hidrelétricas tão predatórias quanto a de Tucuruí. Valendo aqui uma reflexão interessante: muito se fala contra as usinas nucleares, cujo risco é sempre hipotético e futuro, ao passo que as hidrelétricas já surgem provocando verdadeiras hecatombes, que devastam regiões muito superiores àquelas atingidas até hoje pelos raros acidentes nucleares, destruindo milhares de vidas humanas e submergindo milhões de hectares de terra, com nefasto impacto ambiental. Neste sentido, vale lembrar também que, caso fossem mudados os hábitos de consumo, diminuindo o gigantesco desperdício atual em atividades de lazer (como shows, eventos esportivos e serviços de 24 horas), o Brasil já teria hoje plena capacidade energética, sem a necessidade de construção de mais nenhuma usina geradora de elétrica pelos velhos processos predadores, podendo fazer a desejável transição para os novos e limpos processos de geração de energia.

Creio que é oportuno abrir aqui um parêntese histórico bastante ilustrativo da maneira criminosa com a qual sempre lidamos com a natureza no Brasil, pois se trata do testemunho do segundo desenhista da Expedição Langsdorff, Hercule Florence, que inscreveria seu nome na história da cultura como

¹Encontrável em PDF no site da artista: <http://paulasampaio.com.br/as-rotas/>

responsável por invenção isolada da fotografia na província de São Paulo, na década de 1833. Antes de se fixar na Vila de São Carlos (atual Campinas), o jovem Florence efetuou uma viagem fluvial do Tietê ao Amazonas entre os anos de 1825 e 1829, quando nos deixou esse alarmante testemunho:

Quando a gente por desenfado atea fogo aos campos que cercam os acampamentos, o espetáculo à tarde se transforma, mas nem por isso é menos notável. As labaredas se alargam, formam linhas de compridas chamas que sobre todos os objetos deitam claridade resplandecente, por tal modo intensa que se pode enxergar um alfinete caído no chão. Essa linha de fogo se afasta, estende-se por grandes círculos, sobe e transmonta por vezes outeiros. Clarões vivos se desprendem, destacando-se sombras opacas. Rolos de fumo enevoam os céus: o rio parece fogo, e as taquaras nos bosques estouram, dando violenta saída ao ar contido entre os nós e que se dilata com o calor repentino.

Não raramente gozávamos daquela esplêndida iluminação até depois da meia-noite.²

É compreensível que tal descalabro ocorresse no começo do século XIX, quando a natureza era encarada no Brasil como uma opositora a ser vencida e domesticada pelo ser humano, que associava a mata virgem ao atraso e à incultura, pois ansiavam pela

reprodução nos trópicos do modelo de urbanização da matriz europeia. Mas que isso continue a ocorrer em pleno século XXI quando, como bem diz a sábia expressão inglesa, “We should know better”, é ridículo, perigoso e inaceitável. É triste constatar que o país cujo nome evoca o primeiro esforço sistemático de devastação – a extração do pau-brasil – ainda seja dominado pelos lobistas do desmatamento e da exploração irracional dos recursos nacionais em nome de um conceito de progresso tão dúbio quanto ultrapassado. É o que torna tão preciosa a existência entre nós de seres lúcidos e destemidos como Paula Sampaio, que têm coragem de erguer a voz e mobilizar todo o talento para denunciar a devastação gerada pelo egoísmo e a cupidez.

As assombrosas e perturbadoras imagens de Paula Sampaio da série *O Lago do Esquecimento* nos remetem às esculturas de Frans Krajcberg, um dos referidos lúcidos, que se empenha em retirar a poeira de nossos olhos há décadas. Nascido na Polônia, mas tornado brasileiro por opção e devoção, Krajcberg trabalha com árvores devastadas por causas diametralmente daquelas registradas por Paula, já que costuma empregar na confecção das suas obras troncos calcinados remanescentes das queimadas. Existe, contudo, inegável parentesco no esforço de ambos, mesmo se um trabalha com as árvores destruídas pelo fogo e a outra trabalhe com aquelas sufocadas pela água. Ambos os esforços são identicamente louváveis na concepção e primorosos

na execução, estando igualmente predestinados à perene consagração como momentos de culminância na arte brasileira, tanto no campo da escultura quanto no da fotografia.

O projeto *O Lago do Esquecimento* tem o mérito suplementar de conceder efetivamente voz aos retratados, graças à mobilização de recursos audiovisuais que dão prosseguimento ao esforço empreendido por Paula em trabalhos anteriores em que os retratados não eram apenas sujeitos passivos a serviço da visão da fotógrafa e, sim, agentes ativos, capazes de oferecer seus próprios pontos de vista acerca dos temas abordados. Sistema que teve uma primeira e instigante formatação quase uma década atrás com as *Folhas Impresas*, tabloides que reproduziam retratos e depoimentos dos habitantes do Centro Histórico de Belém e que eram distribuídos gratuitamente, passando assim a influir de forma ativa na vida comunitária.

Existe em *O Lago do Esquecimento*, entre tantas outras imagens magistrais – de uma densidade expressionista evocativa dos tons densos das xilogravuras de Goeldi –, uma fotografia em que Paula Sampaio parece ter registrado o desespero do espírito da floresta, que emerge impotente das águas que o sufocam com os braços erguidos num gesto de súplica em direção ao céu inclemente, que não lhe oferece redenção ou consolo. Tudo o que podemos almejar é que o desatino termine antes que nós mesmos sejamos levados a idêntico gesto de desespero, coisa que o trabalho exemplar que Paula Sampaio tem desenvolvido ao longo das duas últimas décadas se empenha em evitar.

Esguia, simpática e sorridente, Paula Sampaio não parece ter nada em comum com o belicoso arquétipo das Amazonas, as mulheres guerreiras da Grécia que, sabe-se lá por via de que artes mágicas vieram aportar aqui no Novo Mundo, a se acreditar no testemunho de Cortés, conquistador do México. Mas, basta evocar as rotas de seu périplo Brasil afora, para percebermos que Paula tem a vontade férrea, a coragem e a persistência de uma verdadeira amazona. É sim uma “guerreira”, porém sob o prisma benéfico e laudatório em que esse termo é popularmente empregado entre nós. Além de ser, como bem sabem os que a conhecem, caríssima e Paulíssima...

PEDRO AFONSO VASQUEZ
Fotógrafo, escritor e historiador

² FLORENCE, Hercule. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, de 1825 a 1829. São Paulo: Editora Cultrix, 1977, p. 59.



Identificações

Cartas:

Primeira aba - Recebida pela autora durante a realização da etapa de 2004 do projeto Antônios e Cândidas Têm Sonhos de Sorte (documentação fotográfica da colonização nas rodovias Belém-Brasília e Transamazônica). A história de Francisco Caldas, *Seu Chicória*, foi a motivação para o início do projeto O Lago do Esquecimento.

Segunda aba - escrita pela autora especialmente para este livro.

Fotografias e entrevistas realizadas no lago de Tucuruí (PA).

Entrevistas: DEZ|2011, SET|2012 e FEV|2013.

Fotografias/Páginas:

4, 5, 6 e 7 | 2011- Paredão e túnel de acesso da UHT
15, 24, 39, 53, 63, 68,69 | 2011
10, 11, 33, 40, 41, 45,56 e 57 | 2012
12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 49, 58, 59, 60 e 61 |
2013
Folder central | 2012

Fotografias capturadas em negativo PB (filme Ilford asa 400), câmera Canon EOS Elan 7F e objetiva 20-35mm. No folder central (fotos dos pássaros e da floresta), captura digital, realizadas com câmera Canon 7D e objetiva 18-135mm.

Ficha técnica

Concepção, fotografias, entrevistas e edição: **PAULA SAMPAIO**

Direção de arte: **ELI SUMIDA E PAULA SAMPAIO**

Projeto gráfico: **ELI SUMIDA**

Textos: **ADOLFO GOMES, PEDRO AFONSO VASQUEZ E ROSE SILVEIRA**

Consultoria em História (projeto e livro) e revisão : **ROSE SILVEIRA**

Desenho de viagem (capa e p. 35): **PAULA SAMPAIO**

Tratamento de imagens: **RICARDO TILKIAN**

Catálogo: **SOCORRO BAÍA**

Impressão: **GRÁFICA MAISTYPE**

Agradecimentos

A Dom Roque, Zinha, Júnior, Rick, Diu, Juju e a pequena Alice, pelo amor.

Aos moradores das ilhas do Lago de Tucuruí, que partilham suas histórias neste livro e nos ensinam sobre como resistir às inundações da vida.

A Adolfo Gomes, Edilene Portilho e família, Eli Sumida, Francisco Caldas, Seu Chicória, Maria Simone Silva G. Barbosa, Miguel Chikaoka, Oswaldo Forte, Pedro Afonso Vasquez, Ricardo Tilkian, Roberta Maiorana, Rose Silveira, Tomé Coelho Moraes, Suely Nascimento e Waldemir Rocha Ferreira, Didi, que generosamente me ajudaram diretamente a realizar este livro.

A Adriana de Paula, Alexandre Belém, Beth Mendes, Cláudia Leão, Daniela Sequeira, Dona Déa Maiorana e seus filhos, Duda Firmo, Elza Lima, Ernani Chaves, Fátima Suely (Sula) Maciel, Guy Veloso, Janice Lima, Jarko Almuli, José Maria Vilhena, João Castilho, Lana Machado, Laís Zumero, Lázaro Moraes, Leo Bitar, Makiko Akao, Márcia Mendes, Maria Christina, Mariano Klautau Filho, Marisa Mokarzel, Mira Jatene, Nando Lima, Natsuo Hiraoka, Orlando Maneschy, Osvaldo Alves, Orly Bezerra, Paula Souza, Paulo Chaves Fernandes, Paulo Santos, Pascoal Gemaque e família, Prof^a Terezinha Moraes Gueiros, Regina Lima e Souza, Regina Maneschy, Roberto Araújo, Ronald Junqueiro, Ronaldo Guerra, Rosely Nakagawa Matuck, Rubens Fernandes Júnior, Sérgio Barbosa, Socorro Baía, Vânia Leal, Walter Firmo, Walmir Botelho, Zenaide de Paiva e aos meus colegas do jornal *O Liberal* e Centro Cultural SESC Boulevard, por tudo.

A Fundação Viver Produzir Preservar, Fundação Romulo Maiorana, Movimento pela Sobrevivência na Transamazônica, ORM e IAP, pelo apoio.

À Funarte, pelo incentivo ao conceder-me o Prêmio Marc Ferrez, que possibilitou a publicação deste livro.

Dados internacionais de catalogação na Publicação

S192l Sampaio,Paula.

O lago do esquecimento / Paula Sampaio. - Belém, 2013.

72 p. : il.:20 cm.

ISBN: 978-85-915791-0-5

1. Fotografia documentária - Amazônia. 2. Amazônia - aspectos econômicos e sociais. 3. Ecologia- Amazônia. 4. Lago de Tucuruí (Pará) - aspectos econômicos e sociais. 5. Migração - Amazônia. I. Título.

CDD:778.9811



Envie esta carta para alguém.

Sobre a autora

Paula Sampaio nasceu em Belo Horizonte (MG), 1965. Escolheu viver em Belém (PA).

Formada em Comunicação Social (UFPA), especialista em Semiótica (PUC/MG), optou pelo fotojornalismo e dedica-se a documentar processos de migração e colonização na Amazônia a partir do cotidiano de comunidades que vivem às margens de grandes projetos e estradas, principalmente nas rodovias Belém-Brasília e Transamazônica.

Seus trabalhos já foram premiados pela Funarte/RJ, Mother Jones Fund for Documentary Photography/EUA, Fundação Vitae, Prêmio Porto Seguro Brasil Fotografia, FRM, Fundação Ipiranga, SECULT/PA, ANDI, FENAJ/DF e UFRS/UNICEF/RS. Recebeu distinções do IPHAN, Fundação Conrado Wessel, Humanity Photo Award/China, Instituto Marc Chagall e FINEP. Possui obras nas coleções do MAM/SP, MASP/PIRELLI, MACRS, Fundação Biblioteca Nacional/RJ, Enciclopédia Itaú Cultural, Joaquim Paiva, Fundación Comillas e ProDocumentales/Espanha, Fifty Crows/EUA e TAFOS/Peru.



*“A ilha é só a posse mesmo. Quando vivia na base onde meu pai morava, era do município do Tucuruí, era até muito melhor pra nós. Vinha uma lancha da prefeitura para extrair dente, fazendo consulta médica, que a gente tinha tudo isso. Mas depois que começaram a jogar bola com nós, jogaram nós pro município do Breu. Aí do Breu, não, tá muito deserto, joga pro Repartimento. **E aqui caiu num mar de esquecimento.**”*

EDILSON DOS SANTOS SILVA,
30 anos, paraibano. Morador da Ilha Pimental.

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Este projeto foi contemplado com o XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, PROIBIDA A VENDA